



Entrevista com Ialorixá Ana Carolina de Souza

Interview with Ialorixá Ana Carolina de Souza

RESUMO

Entrevista realizada pela Assistente Social Gabriela Ramos Silva Cardoso, quando ainda estudante, com a Ialorixá Ana Carolina de Souza, e anexada ao Trabalho de Conclusão de Curso, com o intuito de desmistificar a intolerância religiosa e o preconceito racial e social contra as religiões de matriz africana.

Palavras-chave: Umbanda; Religião; Intolerância Religiosa; Racismo; Preconceito

CARDOSO, Gabriela Ramos Silva *
Assistente Social

**Autor correspondente*

ABSTRACT

Interview conducted by Social Worker Gabriela Ramos Silva Cardoso, while still a student, with Ialorixá Ana Carolina de Souza, and attached to the Course Conclusion Work, with the aim of demystifying religious intolerance and racial and social prejudice against religions of African origin.

Keywords: Umbanda; Religion; Religious Intolerance; Racism; Prejudice



Introdução

A entrevista que realizamos, enquanto dado de pesquisa, seguiu os pressupostos científicos mais rigorosos. A começar que vinculou “[...] pensamento e ação”, no sentido de que “[...] nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (MINAYO, 2016, p. 16). Por outro lado, é preciso refletir que a cientificidade presente na pesquisa e, por conseguinte, na entrevista, “[...] tem que ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como um sinônimo de modelos e normas a serem seguidos” (MINAYO, 2016, p. 12).

Sendo assim, antes que ela se configurasse como algo intelectual, repousou sobre um autêntico problema da vida real, no sentido de que a entrevista que se fez com a Ialorixá Ana Carolina de Souza (nome fictício), tratando da intolerância religiosa, racismo e preconceito, emergiu na vida prática como um problema, para só depois ser pensado intelectualmente.

Nas perguntas iniciais da entrevista, procuramos colher os dados referentes à vida pessoal da Entrevistada, profissão, grau de escolaridade, nível socioeconômico, à função que exerce no templo.

A Ialorixá Ana Carolina de Souza, 30 anos, casada, mãe de um filho, psicóloga, graduada pela UNIP, pós-graduada, residente em São Paulo, Representante do Terreiro de Umbanda Templo Escola Caboclo de Luz, situado na Zona Sul de São Paulo. Trabalha numa empresa privada há cinco anos, exerce sua crença de umbandista há vinte e seis anos e, atualmente, junto com seu esposo, abriu seu Templo há 09 meses.

Nesse Templo, a Ialorixá exerce o cargo de mãe de Santo, cargo este dado a ela pelas entidades espirituais, até então ela seria a Mãe Pequena do Templo. Dentro da Umbanda, existem os representantes do terreiro e, na sua ausência, há um médium designado como Mãe e ou Pai Pequeno:

Mãe Pequena é o médium escolhido pelo Guia Chefe e, automaticamente, pelo dirigente do terreiro para substituí-lo quando necessário. Portanto, a Mãe Pequena é a responsável pela continuidade do terreiro, sempre dentro dos moldes praticados pela sua mãe ou pai espiritual. Para tanto já deve ter feito todas suas obrigações e estar preparada para assumir o terreiro a qualquer momento. (TATE, 2010)

Quanto ao templo em que exerce função de Mãe de Santo, a Entrevistada assim explica a sua fundação:

O nosso Terreiro é, a gente abriu, na Zona Sul de São Paulo, em 27/01/2022 o meu marido recebeu a missão espiritual há oito anos, das Entidades dele que tinha a missão



espiritual. E aí durante oito anos ficou nesse processo de aceitar. Não sabia se aceitava. Porque a gente sabe que é uma missão, né muito grande, né? E aí depois de oito anos que passou ele aceitou. E aí, no ano passado ele começou a se preparar e esse ano ele abriu. A gente começou com a casa em janeiro desse ano.

E para exercer o cargo de Mãe de Santo, o indivíduo tem que ser escolhido por uma Entidade, Chefe do terreiro em que atua:

Mãe de santo. Meu marido é pai de Santo, né. Até então eu seria a Mãe Pequena, mas as Entidades vieram e também me deram esse Cargo de Mãe de Santo, porque eles disseram que juntos iríamos conduzir a casa por isso, hoje eu exerço como mãe de Santo também.

Se pensarmos na etimologia da palavra “religião”, vemos que ela se origina do Latim *religare*, ou seja, reunificar, no sentido de que ela se presta para unir o plano material ao espiritual. Com relação a esse conceito, a Entrevistada observa:

A Umbanda ela é diferente das outras religiões porque a gente não tem uma cartilha, uma bíblia que dita as regras assim como tem que ser. A gente tem aí Ns Umbandas. Temos a Umbanda Sagrada, a Umbanda Guaraciana que é a que seguimos. Mas eu entendo a religião, principalmente a Umbanda e essas diferentes Umbandas, que nós temos como formas diferentes de chegar até Deus. Então, assim cada Umbanda, inclusive cada religião, independente da maneira como ela se manifesta é uma forma de levar até Deus. Então, a gente acredita que a gente chega próximo de Deus, junto com as outras Entidades de Luz, porque elas vêm, elas nos orientam, elas nos ajudam nesse processo de evolução, né? Então, é o religare: Religar o Homem a Deus. São só os diferentes caminhos, mas que todos levam ao mesmo lugar que é Deus. Então é assim que eu vejo a Umbanda.

A Entrevistada não só comenta o caráter ecumênico da Umbanda, que é uma forma específica de chegar até Deus, sem preconceitos e discriminações, mas também mostra algumas vertentes, assim como todas as religiões possuem as suas. Em seu caso, ela abraça a Umbanda Guaraciana que, de acordo com o Babalorixá Buby, pode ser definida:

O Templo Guaracy do Brasil é uma instituição Espiritualista, Monoteísta, Apolítica, sem fins comerciais, isenta de preconceitos, legalmente constituída em 02 de agosto de 1973. O objetivo e compromisso fundamental do TGB é a preservação e o desenvolvimento pleno da Vida. Em uma dimensão filosófica mais profunda, o TGB reconhece a Vida como sendo a expressão mais essencial da Luz Primordial que em algum momento da Eternidade se fragmentou, dando origem ao mundo das diferentes formas de realidade (Efeito de Dan).

O conceito de individuação – o processo pelo qual uma pessoa torna-se a si mesma, inteira, indivisível e distinta de outras pessoas ou da psicologia coletiva -, associado ao Princípio



Holístico do Universo, tem sido a tônica dos estudos e pesquisas desenvolvidas pelo Templo Guaracy do Brasil nas últimas décadas. Os primeiros resultados obtidos indicam que as bases do desenvolvimento espiritual estão fixadas na interação do indivíduo com a Totalidade, e o objetivo desse desenvolvimento é a Síntese da Luz. Partindo deste Princípio, deduz-se que a Fraternidade seria facilmente alcançada, não fosse toda a complexidade implícita no processo pessoal de reorganização interior. Esse processo é indispensável para que se possa estabelecer com o mundo exterior uma relação de harmonia, e não como acontece com frequência, na forma de uma busca fanática de Deus.

Conceitos deste tipo determinaram, no Templo Guaracy do Brasil, a criação de uma pauta de investigações relacionadas a fenômenos, tais como os Mediúnicos, a Reencarnação, as Forças e Energias da Natureza, os Elementos, os Orixás, a Metafísica da Criação, a Ética Ritualística etc. Referidos temas são abordados de modo isento e responsável, e quem os busca está inserido naquilo que o Templo Guaracy chama de Caminho de Buscador. (BUBY, 2019)

A esse respeito a Entrevistada nos forneceu a seguinte explicação para tal vertente que se caracteriza, de acordo com seu fundador Carlos Buby, como:

Sim. É a Umbanda Guaraciana, ela foi fundada pelo Carlos Buby. Que é o Pai Buby. E, ele abriu o Terreiro dele há 49 anos atrás com o caboclo Guaraci. E ele revolucionou a Umbanda, publicadas. E o Pai Bubi, ele trouxe uma outra visão de Umbanda, né. Então assim, nosso ritual ele tem uma forma, uma organização que as vezes a gente não ver em outros lugares porque isso vem da nossa vertente. Isso, vem do nosso fundamento, da nossa tradição que é Guaraciana, né? Nós não nascemos no Guaraci (mãe Isabelle e o Pai Sonario), nós nascemos na casa de mãe Uiana que é uma casa que de certo modo já desenvolve a filosofia Guaraciana. Nossa mãe de santo que é Ya Sônia de Oxumarê. A Umbanda. A forma como ele entende as Entidades, por exemplo; os Orixás na Umbanda Sagrada eles tratam como, tem as divisões dos Orixás, né, que são os Tronos Sagrados, né? Na Umbanda Guaraciana nós chamamos de Xirê, então onde a gente tem os 16 Orixás que compõem a Terra, o Fogo, a Água e o Ar. Então eles são divididos dentro desses quatro Elementos. Então assim, cada Elemento conta uma história. Então assim e tudo isso foi com a criação do Pai Buby junto com o Caboclo Guaraci. Muito interessante procurar no Youtube e tem reportagem, publicação. Tem uma entrevista com Pai Buby. É muito interessante vale a pena ver. Essa vertente do Guaraci ele cresceu tanto que ele tem um Terreiro em Roma, tem Terreiro no Canadá, nos Estados Unidos. Ele tem Terreiro aberto em vários lugares. Assim, e aí quando as pessoas vão fazer obrigações por exemplo: obrigação de feitura, de Consagração, esses médiuns vêm para o Brasil. Eles são assentados aqui, com os fundamentos daqui e depois eles vão para lá. Mas todos os Terreiros falam a mesma língua.

No cerne de um tema tão abrangente e relevante a ser tratado, como a intolerância religiosa, vemos uma extrema necessidade de não normalizar essa prática criminosa, fruto de uma construção social e cultural que se manifesta como um fenômeno de poder. Nossa sociedade exclui tudo que não está de acordo com o eurocentrismo:



O que atualmente se tem chamado de intolerância religiosa está no seio de um processo de colonização do país. Esse processo tem deixado marcas profundas em uma ideia também ilusória de democracia religiosa e laicidade” (NOGUEIRA, 2020, p. 36).

Mas não só isso, é preciso considerar também que há a questão do senso comum que acaba por tornar relevante ou correto o que não condiz com a realidade. Para Chauí, “quando o senso comum se cristaliza como modo de pensar e de sentir de uma sociedade, forma o sistema de preconceitos” (CFESS, 2016). Diante dessa totalidade de pensamento arraigado no senso comum, a Umbanda é vista apenas como uma religião de “práticas maldosas”. Com essa visão perniciosa, os intolerantes procuram silenciar e apagar as crenças afro-brasileiras que, para eles, não vêm ao encontro do conceito que tem de religião.

A Entrevistada aborda dessa forma a questão da intolerância religiosa:

Olha ainda tem bastante, né. Em alguns casos essa intolerância se expressa de um modo velado, né. Mas ainda vejo bastante. Por exemplo: para a gente conseguir a casa demorou um pouquinho. Para a gente conseguir uma casa que aceitasse um Terreiro de Umbanda não foi fácil. A gente mandava mensagens para corretores. E as pessoas respondiam olha eles não aceitam para esse tipo de atividades, para esse tipo de coisa. Então para a gente conseguir a casa a gente sofreu bastante. Porque esse preconceito e intolerância já vem daí. Eu lembro que eu fiz até um textinho que eu queria explicar. O que a gente fazia, que nós não fazíamos nenhum tipo de magia negativa. A gente fazia muito a questão de trabalhar com a caridade que a gente não cobrava por nada, por nenhum trabalho realizado.

Por que às vezes eles ficavam se perguntando? Vão sacrificar bichos, vão fazer isso? E nós não fazemos nada disso. Claro, que a gente respeita porque a gente acredita que todo ritual tem um fundamento. Mas quem não conhece, já faz seu julgamento. Então foi muito difícil.

Diante do contexto da prática discriminatória da intolerância e do preconceito religioso, por meio do qual se persegue e se tenta exterminar o outro, não há, por conseguinte, a aceitação de sua religião. Além disso, a Umbanda é discriminada e tida como uma religião insignificante, por ter sido trazida para o Brasil por negros que vieram para ser escravizados.

É possível verificar alguns dados que reforçam a ideia de que a Umbanda, como outras religiões de matriz africana, sofre grande preconceito em nosso país.

As religiões de matriz africana, como umbanda e o candomblé, são as que mais sofreram preconceito por intolerância religiosa em 2022 no estado de São Paulo, de acordo com dados da Secretaria da Justiça e Cidadania do estado coletados a partir dos registros de denúncias feitas à Ouvidoria da pasta. O levantamento também mostra que o número de denúncias é bem superior ao registrado em 2019. Naquele ano, a secretaria recebeu apenas 17 denúncias por intolerância religiosa. Em 2022, só no primeiro semestre, foram 110, um aumento de 547%. Nos últimos anos, esse canal tem ficado mais conhecido, o que pode ter feito o número de denúncias saltar. Em 2021, foram 210 denúncias recebidas pela pasta por intolerância religiosa. O ano com mais reclamações até agora foi 2020, com 245 queixas do tipo. (PAULUZE, 2022)



Em números exatos, nota-se que as denúncias de intolerância religiosa pelo disque 100 entre janeiro e junho, de acordo com os anos são: em 2020 foram 498; 2021 foram 466; e em 2022 foram 545. Estados com mais casos em 2002: São Paulo – 111; Rio de Janeiro – 97; Minas Gerais – 51; Bahia – 39; Rio Grande do Sul – 26; e Ceará – 11. Reclamações por ano: 2019 – 17; 2020 – 245, um aumento de 1341% em relação a 2019; 2021 – 210, queda de 21% em relação a 2020, mas aumento de 1.135% em relação a 2019; e 2022 – 110, em um semestre, 52% dos casos registrados em 2021 e 547% superior ao registro total de 2019.

A partir do segundo semestre de 2021, a Ouvidoria da Secretaria da Justiça passou a elencar as denúncias conforme a denominação religiosa. Em cerca de um ano, as religiões de matriz africana estiveram no topo do ranking de denúncias de intolerância religiosa, com 57 registros no 2º semestre de 2021 e 44 denúncias no 1º semestre de 2022. Em segundo lugar está o preconceito contra evangélicos, respectivamente 6 registros e 12 denúncias no mesmo período. (PAULUZE, 2022)

Mas a intolerância religiosa se faz presente também no âmbito familiar, como bem demonstra a Entrevistada:

Sim, dentro de casa eu já sofria essa intolerância. Então, assim, por mais que às vezes seja um pouco velado, ele também se expressa diretamente. Acho que se a pessoa tem de certa forma uma proximidade com você, é mais fácil dela chegar e falar para você o que pensa ou não. Na época da Faculdade, eu já atendia, quando eu tinha uns dezoito anos, eu já tinha entrado para a etapa do passe no terreiro que eu frequentava. E eu lembro que a gente estava falando de várias questões religiosas. E aí eu comentei com uma menina, a respeito da Umbanda. E ela disse: “Nossa, Belinha, mas você é tão bonitinha envolvida com essas coisas. Fiquei estática. Daí eu falei: gente. “Eu só cultuo o Sagrado. E ela: “mas Jesus vai prover em sua vida”. Eu: “Mas acredito em Jesus. Para mim, Jesus foi um grande médium. Porque para mim médium não precisa incorporar. É só fazer aquilo que Deus ensinou, independente da forma que você faz.

No que diz respeito a manifestações dentro de sua própria casa e com sua família, a Entrevistada faz importantes revelações:

Então, é assim, têm pessoas que vêm e falam pessoalmente para mim e outros ainda é de um modo velado, mas que, nas atitudes e olhares, deixam transparecer. Dentro da minha casa, por exemplo, meu próprio pai não aceitava. Isso quando eu era criança mais nova, né. Quando eu entrei, né. Então, na verdade, isso já vem desde pequenininha. Isso vinha de longa data.

Só que meu pai não aceitava esse tipo de ‘coisa’, né. Então, quando eu entrei na Umbanda, quando eu iniciei meu desenvolvimento, eu era bem novinha. Ele chegava em casa e a minha vela do Anjo da Guarda estava acesa e ele apagava.

Ao observarmos a conjuntura da nossa sociedade, não podemos nos esquecer da sua criação marcada por imensas desigualdades socio-raciais, dentro de um contexto colonialista,



escravista e de subordinação de determinadas classes sociais a outras. O racismo é uma decorrência do modo específico de a sociedade estruturar-se, ou seja, do modo com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares.

No que diz respeito especificamente a esse tópico, eis um relato da Entrevistada:

Bom, como mencionei anteriormente, em alguns casos, é velado ainda, mas vejo que a intolerância tem aumentado muito dentro de nossa sociedade em geral. Eu entendo que esse preconceito, a intolerância, ela tem principalmente raiz num racismo estrutural. Vejo o preconceito como um tipo de ensinamento de reprodução. As pessoas não sabem por que elas estão repetindo isso, mas elas aprenderam de alguma forma. Talvez por isso ele é explícito em alguns casos expressados da forma que você aprendeu. Às vezes, nem sempre, o racismo e o preconceito são explicados para este. Dependendo de como é exposto, falado, né, a pessoa se esquivava, ou sai constrangida, envergonhada ou até chega ali de certa forma, como eu posso dizer, este se sente excluído. Isso pode ser expressado de várias ações, formas nessa nossa sociedade, mas acredito que ele venha por conta da formação familiar, de classe patriarcal e racista. Culturalmente enraizada da forma que você aprendeu. Vejo esse tipo de intolerância com outros tipos de preconceito. Percebe-se muito isso, porque se eu não busco informações, vou agir da forma que aprendi. E não vemos só isso com a intolerância religiosa, por isso, é importante conversar a respeito de não se praticar a intolerância e qualquer tipo de preconceito dentro ou fora de uma religião. Então assim, porque é a Umbanda, por mais que seja brasileira, a gente tem uma vertente candomblecista, dos Orixás, que vieram da África, então tem esse racismo com aquilo que é o negro e como se manifesta. Então, eu acredito que seja por causa disso, por conta realmente desse racismo, porque é algo que não veio trazido daqui. Veio trazido da África, então, assim, todos aqueles povos em que eles acreditam e que de certa forma não agregam, eles acabam querendo desfazer ou aniquilar. Daí cresce esse preconceito com tudo que não se origina deles, né, dos brancos europeus.

Diante do cenário que estamos vivenciando, o preconceito cresceu muito no âmbito da nossa sociedade e principalmente em determinados grupos sociais, como o religioso. Podemos afirmar que os atos de intolerância estão presentes, por exemplo, na ausência de tratamento respeitosos às pessoas destes determinados grupos específicos, que são tratadas com repúdio e práticas racistas, dentro de um processo de tornar natural e legitimar essa conduta discriminatória. Sendo assim, é preciso considerar como os adeptos das religiões de matriz africana podem se empenhar na luta contra o preconceito religioso.

A Constituição Federal de 1988 garante categoricamente, no artigo 5º e no Inciso VI, a liberdade de crença e o direito de qualquer indivíduo expressar sua fé, de acordo com o que acredite nesse enquadramento legal.

Título II – dos Direitos e Garantias Fundamentais; Capítulo I- Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos: Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei; III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante; IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o



anonimato; V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem; VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias. (BRASIL, 1988)

A partir do exposto, ao abordamos a questão da intolerância religiosa, devemos ter em mente que é de extrema necessidade mencionar o dia dedicado à celebração do combate à intolerância religiosa no Brasil, com a Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007. Sabemos que não foi fácil a trajetória dos movimentos sociais, das lutas coletivas, das perseguições, das opressões aos praticantes, de religiões afro-brasileira, para que esse dia fosse instituído no calendário brasileiro, ainda mais pelo fato de a Umbanda ser uma religião de ancestralidade preta, mostrando-se resistente diante das manifestações das construções sociais.

Mesmo que queiram ocultar e negar a existência dessas religiões, como forma de uma dominação perversa, expressa nessa conjuntura de sociedade colonialista, capitalista, isto se mostra impossível. Ainda assim, o processo intolerante se repete dentro de várias roupagens, dando continuidade à exclusão, à segregação e, por fim, a uma separação das classes sociais. Nesse sentido, de acordo com a Entrevistada:

Bom, primeiro que é muito importante, porque assim é o momento de falar sobre a lei Federal, de número 11.635, de dezembro de 2007. Existe uma fé, existe a religião e não um socorro e é importante para nós de religiões afro-brasileiras mostrar o que fazemos, os nossos ensinamentos. Esse dia nos traz visibilidade para dentro da nossa cultura, da nossa religião, desmistificamos a Umbanda. Eu acredito que comemorar essa data, além de mostrar que é uma religião, desmistifica tudo que trazem sobre a Umbanda, por ser uma religião com raízes pretas de negros escravizados, que vieram da África. Essa visibilidade dada em todo o Brasil mostra que não é uma invenção de um grupo de pessoas, pois ela tem uma origem.

Vimos, por meio das palavras da Entrevistada, o quanto foi importante a criação desse dia para celebrar a Umbanda e seus ensinamentos que visam não apenas a um socorro, mas também a uma forma de resistir ao preconceito, racismo e à intolerância religiosa.

Tendo em vista as questões acima sobre o preconceito, o racismo e a intolerância religiosa, precisamos nos reportar ao Código de Ética do/a Assistente Social. É sabido que todo/a assistente social, ao desempenhar suas competências e atribuições no exercício legal da profissão, deve pautar suas ações pelo Projeto Ético-Político do Serviço Social. Nosso último Código de Ética do/a Assistente Social é de 1993, coopera com a análise crítica da vida social e corrobora com as atividades da profissão.

O Código de Ética do/a Assistente Social de 1993 explicita o quanto se faz necessário mensurar a defesa da liberdade como valor ético central, mas também há outros princípios que,



articulados entre si, visam a valores e à subjetividade de cada indivíduo presentes nessa sociedade capitalista e opressora. Podemos citar alguns deles:

I. Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes – autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais; II. Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo; VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; VII. Garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual; VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero. (CFESS, 2012)

É a partir dessa afirmativa que os profissionais do Serviço Social seguem uma conduta apoiada nos conhecimentos teórico-metodológicos, ético-político e técnico-operativo que seguem os princípios e diretrizes da profissão. As leis de regulamentação da profissão estão embasadas no Código de Ética Profissional do/a Assistente Social, na Lei da Regulamentação da Profissão de Serviço Social e na proposta das Diretrizes Curriculares para a Formação Profissional em Serviço Social.

Pode-se dizer que o nosso Código de Ética determina as normas de nossa atuação profissional, bem como os princípios fundamentais, incluindo o pluralismo, expressam valores e orientação à atividade profissional com uma contribuição crítica que mostra a possibilidade de superação da ordem social vigente. Por outro lado, se pensarmos no pluralismo, precisamos elucidar que ele não consente com a ideia de que o sujeito tem que expressar a intransigência com pontos de vista diferentes dos seus, por avaliar que é o dono da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa**. Brasília, 1988.

BUBY, Carlos. **Babalorixá lança livro no Templo Guaracy de São Roque nesta quinta-feira. Vander Luiz**. 2019. Disponível em: <https://vanderluiz.com.br/babalorixa-carlos-buby-lanca-livro-no-templo-guaracy-de-sao-roque-nesta-quinta-feira-19h30/>. Acesso em: 04 set. 2022.

CFESS. **Conselho Federal de Serviço Social**. 2012. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/>. Acesso em: 04 mai. 2022.

CFESS. **O que é preconceito? Caderno 1**. Brasília: Cadernos CFESS, 2016. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/livros>, Acesso em: 05 jun.2022.



MINAYO, (org.). **Pesquisa social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

PAULUZE, Thaiza. **Brasil registra três queixas de intolerância religiosa por dia em registra três queixas de intolerância religiosa por dia em 2022; total já chega a 545 no país**. São Paulo: Globo News, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/brasil-registra-tres-queixas-de-intolerancia-religiosa-por-dia-em-2022-total-ja-chega-a-545-no-pais.ghtml>. Acesso em: 04 out. 2022.

TATE. **Mãe Pequena, Pai Pequeno e o Terreiro**. Blogger. Pernambuco, 2010.